

Infância e poesia em Manuel Bandeira

Cláudio Leitão

Universidade Federal de São João del Rey

A infância em Manuel Bandeira está vinculada à grande quantidade de experiências vivenciadas pela primeira vez. Toda as emoções dos acontecimentos inaugurais mobilizam no leitor o que se concentra no poema que trata do primeiro alumbramento. A poesia em Manuel Bandeira provém da primeira grande concentração de emoções que se dá num período da vida compreendido entre os seis e os dez anos de idade. A dispersão da vida adulta contrasta com a densidade desses quatro anos. A poesia escrita e acabada contém a captura da simplicidade da criança, o despojamento humilde de menino e a paixão desmedida também de menino.

A poesia está nos hábitos mantidos ou quebrados desde a infância. O hábito do caminho de volta, aos primeiros anos registrados em sua biografia poética. Ser poeta significou muitas vezes vencer as forças do hábito, a repetição automática dos ritmos reinantes na memória, em busca de um lirismo sempre renovado.

O Recife, Petrópolis, São Paulo, Clavadel e o Rio de Janeiro, na infância, na juventude e nos primeiros anos do adulto, além de referências vivenciadas na escrita a tempos e lugares, são pontos de partida da imaginação para diversíssimas partes do mundo imaginado e reinventado.

O “conteúdo inesgotável de emoção” transborda por toda a vida produtiva do poeta, tradutor de poesia, cronista, memorialista e crítico de poesia. O leitor fascinado pelas primeiras vezes de cada livro que leu deslumbrado na infância comove para sempre o homem. Alguns desses livros são *João Felpudo*, *Simplício olha pro ar*, *Viagem à roda do mundo numa casquinha de noz*. A poesia nasce da atenção ao conteúdo emocional, presente desde a meninice. É o que permanece nas reminiscências, é o que resiste à análise da inteligência e à memória consciente. Acompanham o poeta o “sobressalto” primevo e “uma atitude apaixonada de escuta”. O

“sobressalto” seria a percepção privilegiada do real, para subvertê-lo ou transformar “pequeninhas” em versos. A “atitude apaixonada de escuta” faz parte da espera do sobressalto: os ouvidos não se distraem.

O primeiro contato com a poesia deu-se diante dos contos de fadas, das histórias da carochinha e dos versos que essas narrativas contêm. Um segundo contato deu-se com as cantigas de roda e com os versos “de toda sorte”, que lhe ensinava o pai. Ensinou-lhe esta lição: “a poesia está em tudo”: nos amores, nos chinelos, em coisas lógicas ou disparatadas. O pai improvisava *nonsenses* lúdicos, com grande senso verbal e bom humor, ensinando ainda a atração que certas palavras exercem.

Guardou Manuel Bandeira da infância a capacidade de manter a surpresa das primeiras vezes, depois de crescido.

O primeiro contato com a “intuição terrificante das tristezas e maldades da vida” deu-se, não com a tuberculose nem com a frustração do projeto inicial de vida, mas com a leitura do livro *Cuore*, de Amicis, em tradução de Júlio Ribeiro.

A primeira mitologia que conheceu compôs-se dos tipos como Totonho Rodrigues, Dona Aninha Viegas, Tomásia, que tinham a mesma consistência das personagens dos poemas homéricos.

Antes do beco da Lapa, deu-se na infância, no bairro de Laranjeiras e no Colégio Pedro II a impregnação do realismo da gente do povo. Aos dez anos, o menino estava maduro para as “verdades essenciais”, o “sofrimento” e a poesia.

O poema “Infância” percorre idades, lugares e coisas, fatos, pessoas próximas como familiares e anônimos como vendedores a domicílio, até esses dez anos definitivos. Petrópolis talvez aos três anos, a casa em São Paulo, a praia de Santos, Petrópolis outra vez, a chácara na Gávea, Rio de Janeiro, o retorno à casa da Rua da União, no Recife para os quatro anos concentrados nas seis estrofes finais do poema da formação do poeta.

O tempo é marcado pela referência aos três anos de idade, ao arrancar um dente de leite, e aos dez. A fatura de narrativa curta de tantos poemas, como “Pensão familiar”, constrói-se com enumerações de lembranças, economizando verbos, em presente-histórico estratégico.

Na mais remota idade, os olhos buscam lembrar o seio negro da ama de leite. O primeiro gosto da magia instala-se durante a permanência na casa em São Paulo, uma trombeta improvisada de papel faz o menino crer que o negro urubu voou, obedecendo ao seu comando quase involuntário. Do puro sensorial da apreensão infantil do mundo, os versos

passam para a experiência mais funda de magia e poder sobre a ave de rapina, no reino daquele quintal.

Em Santos está “A poesia dos naufrágios”. Os sortilégios do mar – marés de equinócios, a descoberta de jardins submersos, antes da ida para Petrópolis e o Rio de Janeiro.

Registram-se na volta a Pernambuco os primeiros “núcleos de poesia” e um primeiro “núcleo de mistério” que envolve o piano desafinado, contrastando com a descoberta da rua pelo menino.

O fascínio da rua, o despertar para o sexo, a descoberta da morte no avô que se vai encerram o poema “Infância” e concentram as emoções, até a menção do retorno ao Rio.

O primeiro interesse de Manuel Bandeira pela poesia escrita deu-se aos oito ou nove anos, pela leitura do *Jornal do Recife*, que durante uma fase, trazia um poema que vinha impresso na primeira página. A primeira vitória contra as forças do hábito foi a aceitação da forma do soneto, pela quebra do “ritmo quadrado” da poesia popular marcada por outras formas fixas.

Está clara a idéia de que se nasce para a vida mais tarde, entre dois ou três anos depois do nascimento biológico. Murilo Mendes já dissera que, “na verdade, nascemos a posteriori” (Mendes: 1968, p.8). Manuel Bandeira lembra o mundo e sua vida a partir de Petrópolis, e não do Recife, onde nasceu, segundo sua autobiografia poética. O livro *Itinerário de Pasárgada* foi encomendado por Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino, no papel de editores, e o poeta não esconde o fato de ter sido uma tarefa cacete. Diz isso no próprio livro, sem rodeios, em duas ou três passagens.

Diferente das autobiografias, o *Itinerário de Pasárgada* traça o seu rumo principal colado à biografia da poesia do autor. Frustrado o projeto de cursar arquitetura e de ser arquiteto, como se fosse um destino traçado, essa guinada foi a vida que lhe reservou, livre de toda vontade do poeta e contra o desejo do pai de Manuel. O menino apresentado, entretanto, recriado por lembranças nos anos 50, redescobre nessa escrita o poeta já sendo formado muito antes dos dezoito anos, idade em que, por causa da tuberculose, a “vida que podia ter sido” começa bruscamente a deixar de ser.

Antes porém, ainda nos tempos em que estudou no Colégio Pedro II, iniciam-se o interesse efetivo e as medidas práticas para tornar-se arquiteto. O pai, influente, foi responsável por leituras afins e conversas acerca de talento e vocação. Os estímulos juvenis acabaram transformando-se em conhecimento vasto da pintura e da escultura. Mas, a poesia tem

meios visguentos de conquistar o adolescente, um interesse muito maior pela música invadiria e suplantaria o gosto e a familiaridade cultivada com relação às artes plásticas.

A forma autobiográfica da representação ficou esclarecida, sem nenhum rodeio, sem qualquer ilusionismo oitocentista. Nenhuma passagem, nenhuma imagem poética pretende instaurar um pacto autobiográfico ilusório entre quem escreve e quem lê. Acrescente-se que Manuel Bandeira é excelente memorialista, uma vez que se esquece de muitos acontecimentos vividos e de experiências artísticas relevantes. O mau memorialista de nada se esquece, lembra-nos Samuel Beckett, quando se refere aos processos da escrita que, no início do século XX, consagrariam Marcel Proust.

Num livro curto, de capítulos curtos, Manuel Bandeira persegue a maior economia de meios para desincumbir-se da obrigação maçante. A pequena extensão de capítulos sugere o processo de lembranças na usina do esquecimento rápido como a escrita do revivido. O hábito, palavra que traduz as idéias de ritmo e de repetição, teria orientado o caminho de volta aos primeiros anos da vida. O hábito, no tempo vivido, balizou desde muito cedo o caminho do *eu* que narra, até o presente da escrita.

Tornar-se poeta, entretanto, é vencer as forças do hábito, as forças da repetição automática dos ritmos reinantes na musicalidade da vida. Essa teria sido a meta por toda a formação: a cada novo livro, a busca de um novo lirismo, de novas poéticas.

O prosador hábil apresenta o poeta que o contém, quando narra e descreve o que há de especial nas reminiscências: “o conteúdo inesgotável de emoção”, o “sobressalto” e “uma atitude apaixonada de escuta”. Para Manuel Bandeira, a poesia nasceu da atenção ao conteúdo emocional da sua existência, presente, vivo e forte desde a meninice. É um transbordamento daquilo que o poeta possui, muito mais do que as pessoas comuns. Para o poeta João Cabral de Melo Neto, produtor de uma poesia por subtração dos excessos, Manuel Bandeira, em direção contrária, escrevia versos por excesso de ser. O conteúdo emocional, transbordante, é o que resiste à análise da inteligência e à memória consciente. O “sobressalto” é, sem dúvida, efeito de uma percepção privilegiada do real, dotada da capacidade de subvertê-lo e transformá-lo em versos. A “atitude apaixonada de escuta” dá conta da mais aguçada capacidade sensorial do poeta: os ouvidos jamais se distraem, nem mesmo durante o sono. Alguns dos mais belos versos de Bandeira dizem que, “Quando ontem adormeci / (...) / Havia alegria e rumor / Estrondos de bombas (...) / Vozes cantigas e risos”

(Bandeira, 1982, p.111).

O conteúdo de emoções parece crescer quando determinados acontecimentos deram-se pela primeira vez. Enumeram-se muitas primeiras vezes inesquecíveis. A poesia já nomeara a mais marcante das primeiras vezes, com a sonora imagem visual do “alumbramento”, que Davi Arrigucci utilizou como categoria operacional de análise. O primeiro contato com a poesia deu-se diante dos contos de fadas e das histórias da corochinha e dos versos que essas histórias contêm. Proveio da leitura de *Viagem à roda do mundo numa casquina de noz* o “primeiro desejo de evasão”. Era o prenúncio de Pasárgada. A primeira vitória contra as forças do hábito foi a aceitação da forma-soneto, que interrompia “o ritmo quadrado” da poesia popular, enquadrada por outras fórmulas fixas.

No bairro de Laranjeiras e no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, deu-se a impregnação do realismo da gente do povo. Nos tempos do ginásio nasce-lhe o gosto pela épica de Camões. Recitava-a para si mesmo. Foi amigo de Souza da Silveira, que era vizinho de Machado de Assis, e que dizia de memória os “Versos de Corina”, gostava do Barão de Loreto, do Barão de Paranapiacaba, mas não gostava de Bilac. Sobre este poeta parnasiano, Bandeira reserva uma observação especial: “me faz sentir nos grandes escritores do passado esse elemento infundável que é o gênio da língua”. Ainda naquela altura, “não me destinava à literatura”, mas à arquitetura. “Jeitosamente”, o pai interessava-o pelo desenho, dando-lhe para ler *L'art du dessin* e *Comment on construit une maison*, mostrando reproduções de obras primas da arquitetura.

Durante os treze anos que se passam entre 1904, quando adoeceu, e 1917, quando publica o primeiro livro de poesia, *As cinzas das boras*, tomou consciência das suas limitações e formou sua técnica. *As cinzas das boras*, *Carnaval* e *Ritmo dissoluto* estão cheios de poemas construídos, conforme a lição de Paul Valéry, “en toute lucidité”. Somente a partir de *Libertinagem* resigna-se à condição de poeta “quando Deus é servido”, ou seja, de verve mais livre ou espontânea.

Antes disso, porém, conhecera a lição de Mallarmé, segundo quem, a poesia é feita com palavras e não só com idéias e sentimentos. Principalmente, que a poesia “é feita de pequeninos nada”. Ainda antes de *Libertinagem*, fez “Carinho triste”, que representa a primeira tentativa de poema com versos livres. Mas só em 1921, com “A estrada”, “Meninos carvoeiros” e “Noturno da Mosela”, é que foi conseguindo, na sua própria observação, libertar-se da “força do hábito”.

Quanto à vivência, apreciação ou atração de outras artes, foi sempre mais sensível ao desenho que à pintura, secundando talvez a definição de que o desenho seria uma caligrafia, para se folhear, e não uma arte plástica, a ser apreciada de longe, só com os olhos. O ensaio “Do desenho”, de Mário de Andrade, e a amizade entre Bandeira e o ensaísta paulistano eram já realidades definitivamente assentadas na cultura brasileira e na vida de Manuel, quando o *Itinerário de Pasárgada* foi escrito. Em síntese, para Mário e Manuel, a escrita e o desenho são atividades afins, com resultados também afins.

Maior, entretanto, que o desenho, a pintura e a arquitetura, foi a música, a influência da música, a presença dela em quase tudo o que Bandeira escreveu. Desde as cantigas da infância na Rua da União, a musicalidade foi crucial para a libertação das forças do hábito. Estas forças lhe trouxeram um ritmo pronto e irretocável. Não querer mais o lirismo que não seja libertação é um fato que dá ao poeta a atitude expressa do compositor. Atitude de apanhar pequeninos nadas para musicá-los no silêncio de versos, sempre musicais delicados.

Quanto às letras de versos nada silenciosos que, entretanto, fez para canções de Heitor Villa-Lobos, elas não são consideradas nesta referência. A “Invocação em defesa da Pátria”, dentre outras, sirva de exemplo. O talhe patriótico e passadista de alguns desses versos troantes, para não dizer estadonovistas, seria matéria para outras reflexões.

O sobressalto diante das coisas mais corriqueiras é a sua atitude poética por excelência. Desautomatizar o que os outros vêem com olhos corriqueiros e aquilo que aos ouvidos comuns escapa resumem a atividade principal, o segredo revelado do trabalho do poeta. A música não poderia ter lugar menos importante nos ouvidos de alguém que, desde muito cedo, dedica paixão às sonoridade do mundo circundante.

Vencer as forças do hábito relaciona-se com o cerne das lembranças. Lembrar significa não manter o vivido no baú da vidinha habitual. Significa, principalmente, selecionar por meio do esquecimento.

No *Itinerário de Pasárgada*, o *eu* pactua com o leitor desincumbir-se de uma encomenda de editor. Para tanto, vencer as forças do hábito, ao escrever, é escolher e atingir, dentre as primeiras coisas da vida, as que se tornaram definitivas. No *Itinerário* e em toda a produção do poeta, o primeiro alumbramento, a primeira namorada, o primeiro contato com um poema escrito são marcas assinaladas contra o corriqueiro. Com esse livro e a enumeração das primeiras vezes e coisas, explicita-se a estreita relação

entre memória e criação poética. No menino do *Itinerário* recriado pelo *eu* do poema “Infância” encontram-se todos os alumbramentos visuais e sonoros.

Referências Bibliográficas

ARRIGUCCI, Davi. *Humildade, paixão e morte*: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: São José, 1957.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 9ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

BECKETT, Samuel. *Proust*. Trad. Arthur Nestrovski. Porto Alegre: L&PB, 1986.

MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

Resumo

Leitura crítica da autobiografia poética de Manuel Bandeira, *Itinerário de Pasárgada*, e de alguns poemas referenciados na infância do poeta em formação, interessada pela diferenciação entre os processos do hábito e os da memória e pela aproximação ente memória e criação poética.

Résumé

Lecture critique de l'autobiographie poétique de Manuel Bandeira, *Itinerário de Pasárgada*, et de quelques poèmes qui évoquent l'enfance du poète en herbe, en cherchant la différenciation entre les processus de l'habitude et ceux de la mémoire, et par le rapprochement entre la mémoire et la création poétique.